

TRAJETÓRIAS DOS *SKATISTAS* EM BOA VISTA, RORAIMA – (1997-2001)

Jimmy Iran dos Santos Melo[1]
Alfredo Ferreira de Souza [2]

Resumo
O artigo traz uma discussão sobre trajetórias dos *skatistas* boa-vistenses nos anos de 1997 a 2001, tendo como objetivo contrastar grupos urbanos de *skatistas* sobre práticas consideradas marginalizadas em representações estigmatizantes, entre jovens da cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima. Desta maneira, busca-se neste artigo, representações dos *skatistas* na alteridade local os quais buscavam se posicionar perante a sociedade boa-vistense como representantes do esporte *skate*. Assim, abordaremos o momento em que a identidade *skatista* é estigmatizada em suas práticas e representações entre grupos urbanos, devido às ditas "galeras" boa-vistenses.

Palavras-chave: *Skatistas*. Galeras. Identidade. Representações.

Introdução

Os *skatistas*, no estado de Roraima, iniciaram a utilização da pista de *skate* no Parque Anauá[3] no ano de 1989, como novo espaço de lazer e práticas do esporte, e a partir daquele momento ganham certa notoriedade dentro da dinâmica cultural em Boa Vista, embora antes deste período outros já praticassem o esporte na cidade. Com a construção da Pista, esses reconhecem o lugar como um novo território de práticas do *skate*.

Passado alguns anos, em 1999, a prefeitura do município de Boa Vista, percebendo um grande número de *skatistas* que utilizavam a pista de patinação, e a

[1]Professor Mestre EBTT de História do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima – CApUFRR – E-mail: jimmy.melo@ufrr.br
[2]Professor Doutor orientador do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF – Doutor em História Social. E-mail: alfredoferreiradesouza@gmail.com
[3]Entre os muitos espaços de convivência do esporte e cultura do Parque, destacam-se o prédio da Escola de Música do Estado, o Horto Florestal, o Anfiteatro, pistas de bicicross, skate e speed-way, área coberta para shows, o Museu Integrado de Roraima, o Centro de Educação Especial, o Ginásio Poliesportivo, playground, o lago, quadras esportivas, a fonte luminosa, lanchonetes e muitas áreas verdes e calçadão para caminhadas ou pedaladas (FETEC, 2011, p. 42).



quadra de tênis localizadas no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna[4], mais conhecido como Praça do Ayrton Senna, resolveu construir no espaço de patinação uma pista de *skate*, possibilitando a realização de diversos campeonatos.

Neste período, vários jovens começaram a andar de *skate*, não somente utilizando o espaço da Pista do Ayrton Senna, mas em muitos outros lugares da cidade, adaptando os mobiliários urbanos para realização de manobras, e, apropriando-se destes para andar de *skate*, como na Praça da Bandeira, Rodoviária, Escola Maria das Dores Brasil, Esquina do Rio no centro da cidade, e entre tantos, outros lugares que os *skatistas* se reunião para realizar manobras e "trocar ideias" na semana.

Trajetórias *skatistas* estigmatizadas em Boa Vista – Roraima

Nos anos de 1997 a 2001, a cidade de Boa Vista foi marcada pela presença de um grande número de grupos identificados como galerosos[5]. Esses estavam espalhados pela cidade, praticando vários tipos de crimes contra a população. Destruíam patrimônio público e, brigavam em diversos espaços da cidade, tanto públicos quanto privados, conforme exemplifica Lima (2017):

> a utilização do termo galera em Roraima remete à associação de grupo de adolescente entre 12 a 16 anos, composto por ambos os sexos, mas predominantemente pelo sexo masculino, que a pé ou em suas bicicletas se reúnem para "zoar" se divertir junto, ir a festas, consumir drogas e defender seu território e proteger uns aos outros. Alguns andam armados com facas, facões, terçados e praticam roubos nas ruas da cidade. Cada bairro tem sua galera e uma galera está impedida de adentrar o bairro da outra galera. É frequente o confronto entre galeras rivais que se encontram e se enfrentam em espaços territorializados – as praças de seus bairros – e não territorializados [...] (LIMA, 2017, p. 178).

[4]O espaço público é setorizado em áreas livres para encontro, caminhada, *cooper*, quiosques com bares, lanchonetes, quadras de várias modalidades, equipamentos públicos para ginástica, pista de *skate*, praças, parques infantis, praças de alimentação, área para eventos, centro de artesanato.

[5]Para FILHO e SOUSA (2016), existem diferenciações entre grupos de jovens e galerosos, pois a "expressão ‹galera› tem sido cada vez mais popularizada em Boa Vista (RR) para qualificar turmas (grupos) de jovens. De modo geral, os meios de comunicação local, a polícia e o imaginário social tomam gangue ‹galera› e turma (grupos) de jovens envolvidas em ações delituosas como termos correlatos, não fazendo distinção entre: as consideradas ‹formas legítimas› de agregação juvenil, que levam os jovens a estarem juntos por interesses bem alheios à violência, mas que não os impedem de cometer transgressões e delitos; e as ‹formas delinquentes› de agregação, nas quais a transgressão e violência são norma" (FILHO; SOUSA, 2016, p. 191).



Nesse período, o índice da violência envolvendo galerosos era altíssimo[6]. Ocorreram vários tipos de assassinatos com participações de membros das galeras. A própria população tornava-se frequentemente vítima desses grupos, ao ponto de existirem mobilizações nas ruas da cidade, exigindo que autoridades públicas tomassem providências quanto à situação. A exemplo disso, foi o caso do taxista de transporte lotação morto por membros das galeras no exercício da profissão, como consta no Jornal Folha Boa Vista do ano 2000.

Nesse Jornal, percebemos as reivindicações dos taxistas lotação[7] sobre a condição da violência na cidade. Eles buscaram respostas no poder público para solucionar a criminalidade das galeras: “os jovens podem escolher seus governantes, mas não podem responder por crimes que cometem. Alguma coisa está errada e isso é preciso ser revisto pelas autoridades” (FOLHA, 2000, p.5).

Além disso, pode-se dizer que pesquisas[8] apontavam que as taxas de violência entre os jovens da cidade eram altíssimas, sendo que esses dados indicavam a violência como fora do controle do poder público ao ponto de tais índices, na capital de Roraima, ocuparem o 8º(oitavo) lugar nos rankings das capitais mais violentas do país de acordo com Rodrigues (2012)

> Em 1998 o município de Boa Vista ocupava a 8º posição no ranking nacional, como umas das capitais mais violentas do Brasil. Dez anos depois, o índice de homicídios caiu 55,9%. Se em 1998 o município registrou 34 homicídios envolvendo jovens, chegando a 41 em 2002, em 2008 esse número caiu para 15 (RODRIGUES, 2012, p. 51)

As marcas da violência estavam em toda parte da cidade envolvendo principalmente jovens. Vários fatores poderiam ter contribuído para o aumento da violência na cidade no período, entre esses podemos citar as condições em que foram sendo formados os bairros da zona Oeste, em 1991. Como se podem constatar as construções desses novos bairros pela cidade foram incentivadas por causa da diminuição de trabalhos nos garimpos através das políticas

[6]Embora os dados da violência entre jovens não podem ser negado, Pereira (2011), apresentam uma pesquisa com fontes jornalísticas em Boa Vista, por meio dos Jornais: **O Diário, Brasil Norte e Folha de Boa Vista a partir de 1996**, pelo qual discutiu falas estigmatizadoras nos jornais, em relação as condições dos jovens na cidade.

[7]LEI Nº 1.492, DE 17 DE JANEIRO DE 2013, da Prefeitura Municipal de Boa Vista – RR, define o serviço do Táxi Lotação como: “serviço de transporte alternativo de passageiros”.

[8]Em 2001, o programa Braços Abertos da Prefeitura municipal de Boa Vista – RR, realizou diagnósticos socioeconômico da população e da infraestrutura física e social dos bairros (BATISTA, 2013, p.134).



assistencialistas e eleitoreiras desenvolvidas na construção do recente estado de Roraima (SOUZA, 2009).

Diante disso, Staevie (2011) menciona que a falência dos projetos de assentamentos rurais e as ondas de migrações para cidade proporcionaram crescimento desordenado de bairros sem infraestrutura em Boa Vista. Vejamos:

> Os anos de 1990 reproduziram a expansão urbana ocorrida na década anterior, num ritmo ainda mais intenso. Com o crescimento da migração interestadual, em função da desativação dos garimpos e da falência dos projetos de assentamentos rurais no interior do estado, houve uma desordenada expansão da área urbana (STAEVIE, 2011, p.76).

De fato, essas zonas pobres da cidade de Boa Vista eram consideradas os lugares mais propícios à formação das galeras[9]. O bairro União, nos anos de 1998, pode ser utilizado como modelo para entender os jovens que estavam envolvidos com as práticas de galeras. Rodrigues (2012), comentando a chegada de uma família na época da formação do bairro União explica como era a situação daquele lugar:

> Shiriu (*13 anos*) veio com a família do bairro 13 de Setembro, onde morava há seis meses. Era recém-chegado ao bairro União. O imóvel em que se estabeleceu não passava de um pequeno barraco de madeira, comprado a preço baixo. Para ser mais exato, por R$ 800,00. Casebre de 3 m^2, mas que teria de comportar sete pessoas [...] A área era cercada por fios de arames farpados e enferrujados, sustentados em estacas podres (RODRIGUES, 2012, p. 30-31).

Esse relato reflete as condições de muitos jovens nas áreas afastadas do centro da cidade, embora, alguns grupos envolvidos com galeras, estivessem em bairros próximos ao centro e, participavam das práticas criminosas dos galerosos. Dessa forma, podemos perceber que o fator de maior contribuição na formação de galeras eram as condições relacionadas à pobreza e à vulnerabilidade social, vinculadas às moradias de bairros mais afastados do centro. Todos esses fatores

[9]De acordo com Leal (1993) a formação de galeras em centros urbanos podem aparecer devido fatores "de múltiplas variáveis […] pela diversidade de fatores endógenos e exógenos [...] de forma alguma, pode ser vista de um ângulo isolado. Entre os fatores exógenos estão incluídos: o desenvolvimento; a urbanização; a pobreza; a família; a falta de escolaridade; o convívio social impróprio; e os meios de comunicação social".



contribuíam para que os jovens tivessem envolvimentos com grupos marginalizados na sociedade boa-vistense (BARROS, 2004; RODRIGUES, 2012).

Por isso, a representação da violência tornou-se uma constante e a cada novo dia apareciam às vítimas dos galerosos, como o caso da menina que ao defender o irmão de uma briga de galera na noite da véspera do natal de 1998, teve parte da mão decepada a golpes de facão, conforme consta no Jornal Folha de Boa Vista de 1998:

> As galeras estão deixando um rastro de terror, marcado por uso de drogas, pichações, pequenos roubos, depredação do patrimônio público e privado e, muitas vezes, agressões físicas que ocasionam mortes. São mais de 50 grupos juvenis, que se autodenominam de galeras, que aterrorizam a cidade de Boa Vista e destacam-se como um dos principais responsáveis pela violência urbana dos últimos tempos. Um dos fatos mais recentes da atuação de um desses grupos se deu na noite de 24 de dezembro, quando a maioria da população celebrava o Natal), a jovem Cledila Melo Bezerra, 18, ao tentar proteger o irmão, Emerson Melo Bezerra, 22, foi agredida por golpes de terçado, ficando com três dedos da mão decepados e um corte profundo na cabeça. O ataque sofrido pelos irmãos Bezerra, no bairro Jardim Primavera, tem sido uma constante, principalmente nos finais de semana e dias de festas especiais. O desafio que se apresenta para as autoridades e para a própria sociedade roraimense organizada é: "Como solucionar o problema da violência infanto-juvenil, ou seja, das galeras? (FOLHA, 1998, dez. p.6).

Portanto, a representação[10] da violência das galeras era construída pela sociedade boa-vistense através dos jornais de maiores circulações da cidade. Outro fator observado na construção da identidade dos grupos galerosos, está relacionado à forma como esses utilizavam as indumentárias para saírem em grupos, como bem coloca Rodrigues (2012):

> Zona oeste de Boa Vista, novembro de 1998. Um grupo de jovens se reúne todos os dias no interior de um barraco de madeira. Meninos e meninas, rapazes e moças, dividem sonhos, histórias, inseguranças e aventuras. São jovens ligados por uma afinidade marcada pelo preconceito e que, além disso, desperta curiosidade, medo e certa inveja em outros jovens do Bairro. São um grupo diferenciado, **cujos membros vestem roupas exóticas, como as camisas de tamanho exagerado, calçam sandálias de números bem maiores que o tamanho de seus pés, ostentam tatuagens espalhadas pelo**

[10]Para Hall (1997, p.1 grifo nosso), a representação é o significado a partir dos sistemas simbólicos para dar sentidos as coisas que "envolve o uso da linguagem, de signos e **imagens** que respondem por, ou, representam coisas".



> **corpo mostrando ícones tribais em tom escuro e no formato de rabiscos com características aerográficas** (RODRIGUES, 2012, p. 29 grifo nosso).

As roupas usadas pelos galerosos eram formas de marcações simbólicas na sociedade boa-vistense, demonstrando que as características no estilo de se vestir faziam com que estes grupos, tornassem diferentes pela alteridade, visto que as roupas atribuíam valores e significados na construção da identidade galerosa. Sendo assim, os galerosos, ao frequentar certos lugares (praças, ruas, festas e, outros bairros da cidade) com determinadas roupas, podiam ser identificados como membros de galera. Ademais, outro marcador simbólico dessa identidade era o uso de uma linguagem específica dentro do grupo. Isso, contribuía na formação da identidade marginalizada[11]. Rodrigues (2012) apresenta parte do diálogo entre membros da galera do Bairro União:

> Ei otário, passa aí essa parada?
> Cadê a cola?
> Sai dessa, maluco! Pega aqui o goró que tá acabando.
> Beleza...
> Me dá um trago aí desse cigarro.
> Pow, muleque, só pobre aqui... a gente tem que roubar umas *bikes* pra gente comprá umas "paradas"!
> Ei, pow, tem gente aí fora...
> Putz! São os muleques do Caranã. Caralho!
> Como é que a gente vai brigar com esses caras?! Cadê os terçados? Não tem nenhuma faca!
> Que nada, vamos aguentar esses otários na base de ripas.
> O que vocês querem?
> Esse barraco é nosso, seus filhos da puta! Vazam daí, bando de noiado!
> Que, Mané, sair[12]? (RODRIGUES, 2012, p. 29-30).

O uso da linguagem específica entre os galerosos confirmava parte da identidade marginal e da vivência desse grupo em Boa Vista. Nessa acepção, percebemos que o uso das drogas pelo grupo aproximava os galerosos dos traficantes e do mundo do crime, relacionando ainda mais a identidade destes

[11]A identidade marginal está associada as práticas das galeras de Boa Vista naquilo que Bourdieu (1996) apresenta como "[...] os agentes sociais não agem de maneira disparatada. [...] eles não são loucos, [...] há uma razão para os agentes fazerem o que fazem, [...] um conjunto coerente de princípios"(BOURDIEU, 1996, p.138).

[12]**Cola:** Cola de Sapateiro, era utilizada por meio de inalação; **Goró:** Cachaça misturada com refringentes, ou, sucos; **Parada:** Drogas ilícitas; **Noiado:** estado de drogadição.



jovens com a criminalidade urbana. Nessa condição, a drogadição pode ser constatada pela facilidade do acesso às “bocas de fumo”, os pontos de vendas de drogas. De acordo Marques (1998), ao entrevistar O.S.L de 18 anos, galeroso em 1998 traz o seguinte relato da experiência com as drogas na galera:

> Na minha galera no início rolava mais era cola e cachaça. Depois que os caras começaram a fumar, se viciaram e deixaram a cola de lado. Agora é só na pasta e no mel, direto. É fácil demais se conseguir pasta de cocaína em Boa Vista. É só chegar numa 'Boca de Fumo' e dizer: 'Olha aí, cara, 10 paus (R$ 10,00), eu tô a fim de um mel'. Aí o cara já coloca rápido a droga na tua mão. Aí o cara sai fora. Só no meu bairro **tem duas bocas de fumo**. Uma agora está fechada, acho que foram os PMs que mandaram fechar, não sei porque, se os próprios PMs sempre iam nessas bocas buscar o mel pra fumar, que eles não são otários. Cansei de ver PMs indo lá buscar, chegavam de monte... tanto os policiais militares como os civis também. Eu conheço muitos deles que fumam. Agora, eles gostam mesmo é de cheirar um pó (…). (MARQUES, 1998, p. 56, grifo nosso).

Esse membro da galera, envolvido com drogas representava as práticas dos grupos galerosos perante a sociedade boa-vistense de como esses estariam envolvidos no consumo das drogas ilícitas. Dessa maneira, as drogas faziam parte das práticas diárias dos galerosos. Ressalta-se ainda que, o envolvimento com as drogas, as brigas e as práticas criminosas pelos grupos, estariam condicionadas às territorializações dos bairros da cidade. Por isso, cada grupo reivindicava a identidade territorial do bairro por causa destas territorializações estabelecidas pelo grupo, e por causa delas, ocorriam as brigas e crimes, sendo justificadas por causa das marcações territoriais.

Marques (1998), entrevistando um membro de galera, D.L.S, de 14 anos, este relata como se davam as relações territoriais do grupo galeroso com o bairro:

> galera é um grupo de meninos que querem botar ‘moral’ **no seu bairro**. Se uns meninos vierem de lá, **de outro bairro**, para querer mandar **naquele bairro,** aí os moleques dali não vai querer deixar. Se são de **outro bairro,** vão ter que pegar couro, pegar porrada... Agora, se o menino é do **próprio bairro** e quiser botar moral, aí eles deixam. Mas, se é de outro bairro e quiser botar **moral no bairro dos outros**, aí é o jeito entrar na sola, apanhar... Uma galera é formada pelos **‘defensores do bairro’**, existe para **proteger o seu bairro**. Agora, pra mim pessoalmente, galera é um esporte, pra todo mundo que pratica isso, é um esporte, porque quase todo mundo (adolescente) gosta disso... A galera é ‘legal’ por uma parte e por



> outra não, porque a gente sendo dessas coisas a gente agarra altas gatas. Algumas meninas se amarram nessas coisas. A dona que namora com um cara de galera, que é respeitado, ela fica respeitada também, e aí, ninguém mexe com ela... Mas também a gente fica marcado pelo bairro inteiro e por outras galeras (MARQUES, 1998, p. 49, grifo nosso).

Embora o objetivo das galeras fosse à defesa dos territórios em bairros da cidade por meio de brigas, isso era visto por muito deles como uma forma de lazer e esporte, conforme explica, D.L.S, o jovem galeroso entrevistado. Assim, é a partir das análises destes grupos de jovens da cidade de Boa Vista, os galerosos, que poderemos contrastar com um outro grupo, os *skatistas* de Boa Vista, pois, assim como a mídia reproduzia representações na cidade de que todos os jovens pertencentes a grupos urbanos poderiam ser membros de galeras, os *skatistas* buscavam posicionar-se em uma identidade contrastiva[13] por causa das práticas galerosas.

A imagem dos jovens, apresentada nos jornais locais entre os anos de 1997 a 2001, construiu nos boa-vistenses o estereótipo dos grupos urbanos, ou seja, para a população em geral, qualquer grupo que se movimentava na cidade sempre estava envolvido em ações criminosas, uma vez que os principais jornais impressos de grande circulação da cidade reforçavam a cada dia, a condição marginalizada destes jovens por causa das experiências urbanas em grupos de galeras (PISSINI, 1998; LIMA, 2001).

Nessa acepção teórica, a condição da marginalização dos grupos urbanos representados nos jornais, não somente estigmatizava os galerosos à imagem de transgressores da lei, como também estendia essa ideia a todos os jovens da cidade que estivessem reunidos em forma de grupos. Abordando a construção do estigma entre jovens, Romera (2008), propõe como esses grupos chegam à marginalização na sociedade "[...] envolvimento com brigas, drogas, violência, vandalismos, atos irresponsáveis e desrespeitosos" (ROMERA, 2008, p. 30), formam a identitária marginalizada dos jovens na cidade.

[13]A identidade contrastiva está colocada neste trabalho naquilo que Hall (2006) chama de "identificações culturais". Desta forma, os agentes acionam as identidades que lhes ligam a causas e interesses.



De fato, a estigmatização[14] pode ser entendida como uma representação social do conceito negativo do *Outro*, levando grupos à exclusão de lugares, espaços e territórios da cidade. Goffman (1975, p. 5) entende que na sociedade podem ser construídas concepções às condições dos grupos, estabelecidas por estigmas, por meio do "total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros". Na perspectiva de Goffman (1975), o estigma ocorre quando há contrastes nas relações entre o normal e aquilo que é fora do padrão de normalidade da sociedade, sendo criados os estereótipos marginalizantes. E, assim, o estigma sobre os *skatistas* se dá principalmente pela perspectiva transgressora relacionada ao grupo nos territórios dos espaços urbanos da cidade. É nesse sentido que se dá a formação da estigmatização para os grupos urbanos em Boa Vista, sendo produzidos por meio dos encontros culturais[15] na sociedade, por causa das diferenças nelas estabelecidas. Dessa forma, os territórios construídos para práticas do *skate*, tornam-se alvos dos grupos de poder conforme Elias & Scotson, (2000) os define, afirmando que os grupos Estabelecidos, transformam qualquer grupo urbano em *não-estabelecidos*,[16] inclusive os *skatistas* e os galerosos:

> a estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e *não-estabelecidos*, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo *não-estabelecidos* (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 35).

Nessa perspectiva de como são construídas as condições para os grupos *não-estabelecidos* e estigmatizados em Boa Vista, como os *skatistas* e galerosos, vieram a ocorrer principalmente por meio dos jornais impressos de grande circulação, dado seu "monopólio das principais fontes de poder" (ELIAS &

[14]Na leitura do trabalho, o estigma deverá ser compreendido como uma foma de atribuir conceitos negativos aos grupos de jovens urbanos. Desta maneira, ao estigmatizar, tenta-se criar marcas na identitária dos grupos por meio das representações pejorativas como forma de juízo de valor.

[15]Os encontros culturais é na perspectiva de Hall (2003, p. 85-255) no sentido de que "todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são [...] tendo como [...] essencial que este espaço permaneça heterogêneo e pluralístico e que os elementos de negociação dentro do mesmo retenham sua *différance* [..] Ainda que [...] práticas culturais não se situam fora do jogo do poder [...] mas sejam [...] campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas".

[16]Optou-se em traduzir o termo *outsiders* para não-estabelecidos enquanto que, o termo *establishment* ficou como estabelecidos, embora o próprio tradutor do livro, reconheça a dificuldade de tradução das palavras (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.7).



SCOTSON, 2000, p. 24). Sendo assim, as informações eram veiculadas nos jornais elaborando representações nas quais vários grupos de jovens terminavam por ser identificados, em 1997 a 2001, como marginais. Sendo assim, as estratégias da identidade marginalizadora dos jornais, não faziam distinção entre o ser galeroso e o pertencer ao grupo dos *skatistas.* Correia (2008) define as disputas territoriais da imagem não marginalizada ao retratar o período da construção da pista de *skate* na Praça Germano Augusto Sampaio, demonstrando a existência das disputas entre galeras rivais por causa do território da Praça:

> lá desenrolou uma luta pela apropriação do espaço que foi além dos conflitos entre as galeras dos dois bairros. Havia um terceiro grupo que reivindicava seu espaço, os *skatistas* que queriam a pista, segundo ponto de vista deles, "fora" dos conflitos por território das galeras. Para eles, aquele lugar tinha que ser "neutro" a todo o conflito das galeras e a linha concreta de "divisão" entre esse campo simbolicamente tratado como pertencente aos *skatistas* era o alambrado em volta da pista (CORREIA, 2008, p. 24).

Ao mesmo tempo em que lutavam contra as ideias estigmatizantes que marcavam a maioria dos jovens, os *skatistas* reivindicavam posições para serem identificados, e com isso provarem que de fato eram diferentes dos galerosos. Uma das maneiras de demonstrar tal identidade foi por meio da adrenalina e radicalidade que o esporte os envolvia, ou ainda, com práticas que admitiam o risco da apropriação criativa e transgressora dos espaços urbanos. Portanto, a construção da identidade desejável no grupo seria representada pelo estilo de vida dos *skatistas,* visto que era necessário ser reconhecido como um *skatista* pela sociedade, afastando assim a ideia das práticas transgressivas, as quais não aceitas entre o grupo, como os comportamentos e posturas criminosas conforme demonstra Pietro (2012)

> *skatista* mesmo, para mim, é o cara que já passou preconceito, já foi chamado de vagabundo, de moleque, de maloqueiro. O cara que perdeu uma mina do sonho porque não admitia vestir-se como ela queria, frequentar os lugares que ela frequentava. Que enfrentou constrangimentos na sala de casa, com a família achando tudo muito estranho. *Skatista* é o cara que leva o *skate* como estilo de vida, todo o tempo, o tempo todo. Além de, obviamente, andar de *skate* (Pietro, 2012, p. 22).



Corroborando com essa perspectiva, Maurício[17], compreende a estigmatização do *skatista* como:

> quando a sociedade está nos vendo, ai a sociedade muda. Mas quando nós vemos a sociedade, é a mesma coisa. Todos nós, que é *skatista*, mesmo, vê a sociedade dê um jeito. Mas cada sociedade nos vê diferentemente. Se eu for em Mucajaí, vão me ver diferente, mas eu sou o mesmo *skatista*. Depende do que uma geração lutou para aquele momento, daquele estado, daquele município local seja valorizado. Quando a gente entra, a gente tá entrando num mundo que já teve muitas batalhas. Se eu entrar na sociedade de Manacapuru lá já teve muitas batalhas, porque os caras de lá já brigaram pelo *skate*. Lá o *skatista* é bem-vindo. Mas, se eu chegar na Compensa, em Manaus, lá tu é visto como marginal. Porque lá os *skatistas* roubavam. Vamos entrar em vários mundos. Por isso a primeira coisa é a humildade. Sem falar, sem xingar. Esse é um dos princípios básicos das relações urbanas. Olhando pra sociedade, eu vejo a sociedade igual, mas dependendo de cada uma sociedade ele vai ver o que fizeram pelo *skate* naquele local.

Dessa forma, os *skatistas,* percebem a sociedade em sua alteridade, ou seja, como *Outro*, enquanto que a própria sociedade, representada através da autoidentificação das entrevistas e nas falas dos jornais, o enxergavam também como *Outro* pela diferença social. Diante disso, as relações dadas à condição estigmatizada dos grupos urbanos em Boa Vista, como a dos *skatistas*, proporcionaram uma luta de classificação pelo interesse de autoidentificarem-se fora do estigma marginalizador no qual se encontravam os galerosos.

Todavia, esses procuravam se posicionar nos espaços urbanos pelos territórios simbólicos por meio da identidade construída em torno do esporte, como mostra Olic (2014):

> O *skate* passou a se distanciar dos ideais da cultura *punk* que inspiraram sua prática nos anos 80, pois, ao invés de negar o Estado e evitar qualquer tipo de cooptação pela "ordem vigente", como prega o ideal anarquista, os *skatistas*, cada vez mais, **começaram a se organizar por meio de associações de bairro, municípios e estados com o objetivo de estreitar o diálogo com o poder público** para, sobretudo, viabilizar a construção de pistas destinadas exclusivamente à sua prática. Aqui é importante destacar que embora a essência *skatista* esteja em prática na rua, a pista costuma ser um local cobiçado e desejado por seus praticantes em razão das condições ideais oferecidas nestes locais. A arquitetura das pistas de

[17]LIMA, Maurício Rocha. Maurício Rocha Lima. Skatista Profissional. Concedeu entrevista em 20 de outubro de 2017 em Boa Vista – RR. Entrevista Gravada..



> *skate* é inspirada nos obstáculos que os *skatistas* buscam encontrar nas ruas, como corrimãos, bordas e transições, com o diferencial de que nestes espaços os obstáculos são destinados exclusivamente a sua prática. Se na rua é preciso enfrentar o risco da apropriação indevida do espaço, na pista, por sua vez, o risco é canalizado apenas para a radicalidade das manobras (OLIC, 2014, p.82, grifo nosso).

Os contrastes das identidades na cidade levaram vários *skatistas* de diversos lugares a criarem associações e adquirirem o reconhecimento dos governos locais. Em Boa Vista houve o desejo do grupo de organizar-se em torno de uma Associação de *Skate*, bem no início das práticas do *skate* no Parque Anauá em 1990. Eles perceberam a necessidade de ter uma associação de *skate* para pleitear junto ao poder público e nas lojas da cidade patrocínios para investirem no esporte como enfatiza Maurício[18] durante a entrevista. Ele lembra que o interesse do grupo em construir uma associação com a finalidade de facilitar patrocínios, o que poderia também identificá-los como praticantes do esporte *skate,*

> a gente queria até alugar um quarto pra gente levar as gatas. 15 anos a gente tinha, e a gente querendo ser os **da associação, depois da federação, e a gente tinha que ter um local**, e a gente tinha que ter um nível intelectual, tinha que levar as pessoas pra lá e a gente queria fazer isso […] **A gente alugou, comeu ninguém, não fizemos nada** […] **A gente queria viver do *skate*. Saber que os caras vinham de fora, pô! Caramba! O cara viaja de *skate*, cara.** Pô! Então deve acontecer isso mesmo. A gente tinha aquela coisa, não era ambição, mas pô, a gente pode viajar andando de *skate*, cara! Não acredito! Entendeu? (grifo nosso).

Enquanto os *skatistas* procuravam meios de organizar-se para viver do *skate*, os galerosos tinham interesses diferentes, conforme demonstra Rodrigues (2012), ao expor a fala de Rodinha, ex-integrante de galera no ano de 1998:

> Eu não sei o que acontecia comigo. Quando a gente faz parte de uma galera, a gente cria coragem. Eu não tinha medo de nada. Os caras de outras moçadas chegavam com terçado bem pertinho de mim e eu não corria. A polícia pegava a gente, dava muita bicuda e coronhada e, alguns minutos depois, já estava abrindo coro, ou seja, começando uma briga com outras galeras (RODRIGUES, 2012, p. 50).

É perceptível, portanto, que a identidade galerosa e seus interesses estavam em profundo contraste com a dos *skatistas*. Observando esses contrastes, nos

[18]Idem, 2017.



deportamos ao pensamento de Hall (2005, p.110) ao afirmar que as identidades só podem ser "construídas por meio da diferença e não fora dela". O assassinato do *skatista* Israel Gomes de Almeida, no Parque Anauá, em 1999, por um membro de galera, proporcionou o aprofundamento dos contrastes das identidades galerosas e *skatistas.*

Em meio à busca de autorrepresentação como praticantes do esporte *skate*, houve aproximação com o poder público, em virtude do período eleitoral. Essa aproximação aumentava a possibilidade da construção de Pistas de *Skate*, no Ayrton Senna e na Praça do Pricumã, tendo em vista os campeonatos dos anos de 2000 e 2001.

Sendo assim, os contrastes entre as galeras de Boa Vista e os *skatistas* demonstraram o quanto o grupo de *skate* procurou afirmações esportistas perante a sociedade na identificação de praticantes dos esportes radicais. Sendo que, as representações atribuídas em relação aos aspectos de marginalizações e criminalidades deveriam ser relacionadas aos membros e integrantes de galeras. Desta maneira, a identidade do grupo fora posicionada perante a sociedade pelas práticas do esporte *skate*.

Conclusão

Na elaboração dessa trajetória dos *skatistas* entre as galeras de Boa Vista procuramos apresentar a discussão voltada a entender a identidade dos *skatistas* boa-vistenses nos territórios dos espaços urbanos da cidade, buscando evidenciar como os praticantes do esporte *skate* em contrastes com a alteridade se posicionaram na identitária esportistas.

Desta maneira as posições de identificações grupo, podem ser visualizadas quando entraram em contraste com a identidade dos galerosos. Buscamos representar os *skatistas* nas suas práticas como agentes que constroem e ressignificam os espaços sociais através de práticas esportivas.

Desse modo, foi possível analisar nessa discussão as trajetórias de grupos urbanos da cidade entre os anos de 1997 a 2001, o que possibilitou entender os caminhos utilizados por esses grupos para se autorrepresentarem perante a sociedade boa-vistense na construção da identidade *skatista* como praticantes do esporte.



Referências

BARROS, Marta Gardênia. **Jornalismo Marginal – as construções sígnicas do jornalismo comunitário**. Monografia (Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Roraima. Boa Vista – RR, 2004.

BATISTA, Amarildo Nogueira. **Políticas Públicas e Produção do Espaço Urbano de Boa Vista – Roraima (1988-2011)**. Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG-GEO). Mestrado. Instituto de Geociências (IGEO). Boa Vista – Roraima: Universidade Federal de Roraima, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas,** SP: Papirus, 1996.

CORREIA, Max Delly de Melo. **Apropriações Do Espaço Público Destinado ao Lazer e as Resignificações Produzidas Por Diferentes Socializações**. Monografia (Ciências Sociais com Habilitação em Antropologia) Universidade Federal de Roraima – UFRR, Boa Vista – RR, 2008.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. 2000. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FILHO, A. Rosa; SOUSA, Rodeval M. Andrade. **Território e territorialidade: um estudo sobre as gangues de jovens em Boa Vista Estado de Roraima, Brasil**. Revista Geográfica Venezolana. V.57, julio/Diciembre, 2016.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** *Educação & Realidade*, v. 22, n.2, jul. /dez., 1997.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 10. ed. 2005.

HALL, Stuart. **A questão multicultural**. In: Da diáspora: Identidades e mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

LEAL, César Barros. **A Delinquência Juvenil: seus Fatores Exógenos e Prevenção. Rio de Janeiro**, Aide Editora, 1993.

LIMA, Daygles M. de Souza. **Juventude, identidade e violência na perspectiva dos socioeducandos em cumprimento de medida socioeducativa no CSE-RR**



por ato infracional de natureza grave. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo-RS, 2017. 315p.

LIMA, Maria G. Leite de. **O Índio na Mídia Impressa em Roraima**. (Dissertação de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP). Campinas – SP, 2001.

LIMA, Maurício Rocha. Maurício Rocha Lima. Skatista Profissional. Concedeu entrevista em 20 de outubro de 2017 em Boa Vista – RR. Entrevista Gravada.

MARQUES, José da Guia. Brincando de brigar e de matar. Um estudo antropológico sobre as galeras de Boa Vista e a banalidade da violência. (Monografia em antropologia). Universidade Federal de Roraima – UFRR. Boa Vista – RR, 1998, 83p.

OLIC, M. Bacic. **Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do *skate*.** In. Biblioteca digital de periódicos. Revista de Antropologia. V. 15. N. I, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/campos/article/view/43208/27038>. Em 27 de nov. de 2017.

PEREIRA, Francisco Paes. **O Centro Sócio Educativo no olha da mídia Roraimense: entre a proposta e a prática**. Monografia (Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo). Universidade Federal de Roraima – UFRR, Boa Vista – RR, 2011.

PIETRO, Douglas. 2012. **"Quem é *skatista*"**. Revista Cemporcento *Skate*, n. 175, p. 22.

PISSINI, Eliana Fraulob. **A Questão Ambiental nos Jornais Impressos de Roraima**. (Monografia) – Universidade Federal de Roraima, UFRR, 1998.

RODRIGUES, Ricardo. BU: O caminho faz a galera. Boa Vista. Editora da UFRR, 2012, 97 p.

ROMERA, L. A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. 135f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FOLHA DE BOA VISTA. **Problemas urbanos: Galeras desafiam a sociedade**. Boa Vista, 30 de dez. l998.

FOLHA DE BOA VISTA. **Taxistas protestam contra violência**. Boa Vista, Dez. de 2000.

Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista - FETEC. **Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista**. B. Vista. Íóris, 2011.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Boa Vista/RR e as migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados**. Revista Acta Geográfica, Ano III, n°5,



jan./jun. de 2009. p.39-62. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/actageo/article/download/218/377.> Acesso em 21 de nov. 2017.

STAEVIE, Pedro Marcelo. **Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima**. Oculum Ensaios, Campinas, n. 13, p. 68-87, 2011. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/viewFile/142/129>. Acesso em: 21 de nov. 2017.